

A VOLTA

Peça em 3 actos de VIRGÍNIA VITORINO. Publicada em 1932.

1ª representação no Teatro Nacional em 13 de Maio de 1931.

[...]

Duas cenas: interior rico de casa burguesa em Lisboa (1.º acto), salão de casa solarenga na província (2.º e 3.º actos).

Depois de vinte e cinco anos de ausência nos Estados-Unidos onde fez fortuna Manuel de Campos regressa a Portugal com a intenção de vender a uma companhia estrangeira as propriedades que aqui possui e lhe arrendara para a instalação de uma grande central eléctrica. Mas o contacto com a terra natal, o reencontro com a família que deixara, a repulsa que lhe causam os processos utilizados pelos compradores, levam-no a romper as negociações e a tomar a decisão de radicar-se em Portugal, adquirir e explorar ele próprio a fábrica montada nos seus terrenos. O sentido «nacionalista» da peça está bem expresso nestas palavras do protagonista: «Portugal tem sido um corpo moribundo, onde todos os males podiam entrar e crescer... Estrangeiros que nos procuravam para nos sugar um resto de vida, e nos desprezavam e se riam de nós por lhes consentirmos que o fizessem... Portugueses que, cá dentro, eram piores do que esses estrangeiros, vivendo para a desordem, para a preguiça, para o vício mesquinho das políticas de café... Portugueses que, lá fora, se esqueciam da terra em que nasceram e se convertiam em indiferentes ou renegados... (...) Portugal era um corpo doente, um corpo donde a alma tinha fugido... Mas eu sou a prova de que essa alma... voltou! E um dia não haverá nenhuma força no mundo mais forte do que esse corpo e essa alma, se se abraçarem para sempre e quiserem vencer!»

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 269-270.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.